

CULTURA AFRO-BRASILEIRA SOB OS HOLOFOTES

**PEDRO SANTOS, JR. ANALYST
& MARCIO AGUIAR, MANAGER
IPSOS UU**

CULTURA AFRO-BRASILEIRA: DO APAGAMENTO AO RESGATE, À APROPRIAÇÃO?

É sabido que o Brasil é um país que passou por um longo período de colonização europeia e que esse fato histórico está enraizado em nossa cultura, de forma direta ou indireta, até os dias de hoje, mas pouco se fala da cultura de origem africana que também norteia, de forma muito estrutural, o nosso jeito de pensar e existir culturalmente no Brasil. Por que ainda não acontece uma exaltação dessa cultura?

Gilberto Freyre nos trouxe em seu livro, *Casa-grande & Senzala*, um olhar sobre as relações sociais da época colonial, uma visão sobre o racismo estrutural que perpassa todas as esferas da sociedade, inclusive, a cultural. A cultura afro-brasileira é muito rica e vasta, porém, pouco difundida ou validada. Como indica Pereira (2012)¹⁰, o Brasil possui a maior população de origem africana fora da África.

Hoje, no país, metade da população se autodeclara negra ou parda. Sendo assim, é impossível não inferir que a cultura brasileira é, sobretudo, afro.

Muito do que o mundo consome, hoje, em termos musicais, por exemplo, tem a sua origem na cultura dos povos de origem africana e no Brasil não seria diferente: axé, jazz, rock, música eletrônica, blues, hip-hop e, até, o forró são manifestações culturais originárias da cultura preta. Podemos perceber como, de fato, a cultura afro está inserida em todo o nosso contexto, mas, como cita o cantor contemporâneo Baco Exu do Blues, em sua música *Bluesman*: “*Tudo que quando era preto era do demônio, depois que virou branco e foi aceito, eu vou chamar de blues [...]*”.

Essa relação é intrínseca e presente no cotidiano da população brasileira não, apenas, na música, mas em diversas outras manifestações culturais. “*Os africanos contribuíram para a cultura brasileira em uma enormidade de aspectos: dança, música, religião, culinária e idioma. Essa influência se faz notar em grande parte do país; em certos estados, como: Bahia, Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio*

Grande do Sul a cultura afro-brasileira é particularmente destacada em virtude da migração dos escravos”. (Portal da Cultura Afro-Brasileira).¹¹

Por muito tempo a cultura negra foi negligenciada no Brasil, ou melhor dizendo, foi vista como algo à margem da sociedade. O samba, o rap e, até mesmo, o próprio funk são exemplos de manifestações culturais pretas que, por muitos anos, existiram em um lugar de preconceito e rejeição.

Hoje, podemos ver que existe um caminho que tem levado a cultura preta para lugares onde, antes, não havia espaço. Temos grandes artistas pretos nacionais fazendo sucesso dentro e fora do Brasil; é um fenômeno recente e que permite uma análise com viés sociológico para identificar as nuances que estão trazendo a cultura afro-brasileira para dentro de uma sociedade eurocentrada.

A cultura afro-brasileira tem ocupado outros espaços para além da música; o grande exemplo disso é como o padrão de beleza do negro que, antes, não era apreciado pela grande massa, hoje em dia, se tornou uma mercadoria e grandes empresas têm lucrado com os cosméticos e produtos

de beleza voltados para a população negra e/ou para a população branca, mas com estratégias para que esses adquiram através dos produtos padrões negroides. Empresas: Quem disse Berenice?, Make B., Vult, entre outras, estão investindo cada vez mais nesses produtos.

A busca pelos traços que são originais da população negra avança também

dentro dos procedimentos estéticos; segundo o jornal *O Tempo*, somente no primeiro trimestre de 2022, houve um aumento de 390% na procura por procedimentos estéticos. Procedimentos esses que, muitas vezes, buscam características que são originárias da população negra, como: preenchimento labial e silicone no bumbum são cada vez mais comuns e procurados.

MAS QUAIS SÃO ESSES CAMINHOS? PODEMOS ATRELAR ESSE RESGATE AO QUE CHAMAMOS DE APROPRIAÇÃO CULTURAL?

É comum relacionarmos o resgate e a valorização das identidades culturais afro-brasileiras ao que conhecemos por apropriação cultural, afinal, esse termo é utilizado quando determinada cultura se apossa de forma indevida de alguns elementos singulares de outra.

É perceptível e razoável que se enxergue a valorização da cultura preta, dessa maneira, no Brasil, visto que muito do que se consome dessa cultura, atualmente, foi disseminado

por pessoas brancas e/ou só foram considerados relevantes dentro de nosso país quando os ditos brancos passaram a simpatizar com essas identidades culturais.

Contudo, acreditamos que exista outro olhar que pode ser lançado sobre essa temática: o olhar da valorização e do esforço da população afro-brasileira para que a sua cultura continue existindo, muitas vezes, de forma resiliente e lutando contra a opressão

midiática que sempre tentou apagar essa memória e/ou tirar o mérito desse povo. Parafraseando Emicida, em sua música *Dedo na Ferida*: “*é nosso sangue nobre, que a pele cobre/Tamo no corre, dias melhores, sem lobby [...]*”.

A população negra sempre resistiu ao apagamento de sua história e das suas vivências. No Brasil, temos exemplos dessa cultura de forma viva, como o Carnaval, como o conhecemos no Brasil, a capoeira e outras manifestações.

“A perspectiva da apropriação acaba por etiquetar todos os produtores, produtoras e mediadores culturais negros como meras vítimas da história que, ou assistiram calados à usurpação de sua rica cultura material e imaterial, ou foram ludibriados”. (PEREIRA, 2021)¹²

A população afro-brasileira são os verdadeiros agentes da continuidade, construção e adaptação dessa cultura ancestral que faz parte de nosso país. Tirar todo o mérito dessa população, e direcionar o resgate e a valorização da cultura preta, apenas, à apropriação cultural também é uma forma de silenciar os personagens dessa cultura.

O sucesso e a relevância da cultura negra não pode (e não deve) ser minimizado, apenas, quando o outro olhou com interesse e valor para ela, mas deve ser entendida e valorizada pelos seus personagens históricos e contemporâneos que resistiram para que as suas identidades não fossem apagadas. Um dos grandes nomes da música brasileira, o sambista Jorge Aragão, reforça esse olhar que devemos ter com carinho e orgulho dessa herança cultural: “*Também somos linha de frente/De toda essa história/Nós somos do tempo do samba/Sem grana, sem glória/Não se discute talento/Mas seu argumento, me faça o favor/Respeite quem pôde chegar (sic)/Onde a gente chegou [...]*”.

Portanto, apresentar e creditar o alcance e a relevância da cultura afro-brasileira à apropriação cultural é olhar, de forma simplista e com senso comum, para a história. É preciso, antes de tudo, valorizar a luta de todos aqueles que sempre buscaram e buscam um espaço melhor e maior para a cultura afro. Não se pode negligenciar, mais uma vez, a história do povo preto e resumir as suas conquistas ao olhar de outrem.

PARA ALÉM DISSO, COMO O MERCADO, DE FATO, INCORPOROU E ASSIMILOU A CULTURA AFRO-BRASILEIRA PARA SI?

A inserção da cultura de matriz africana no cotidiano do brasileiro tem ficado cada vez mais forte por meio das manifestações culturais, mas e quando pensamos além, quando analisamos o mercado em si, não o de cunho cultural, mas o mercado capitalista, de fato?

É claro que o capitalismo também iria se ocupar e se apropriar dessa pauta. Em um país onde a desigualdade social é escancarada e cada vez mais intensificada, viu-se um movimento de glamourização da pobreza e de todos os aspectos que a envolvem.

Empresas de vestuário como Osklen e Reserva criaram coleções intituladas “Favela”, com diversas camisetas com estampas com referência a um espaço que, sempre foi e ainda é, colocado à margem da sociedade e visto com maus olhos. O contraponto é que as duas marcas possuem como público-alvo pessoas de classe média e alta da sociedade,

e buscaram as referências em um local que não condiz com a realidade desses consumidores.

Porém, esse é só um caso de como o mercado tem voltado os seus olhos para a cultura afro de forma geral: virou moda ser negro. Nos últimos anos, percebemos uma mudança estética das personalidades que, cada vez mais, valorizam traços que são considerados negroides, que buscam, por meio de procedimentos estéticos, atingir os padrões da população afro. Algumas celebridades, inclusive, já foram acusadas, diversas vezes, de realizarem “blackface”, que consiste no ato de pintar o rosto para parecer negro.

Além do “blackface” temos, também, o “blackfishing”, no qual artistas e celebridades brancas buscam imitar a aparência de pessoas negras. Essa prática vai desde procedimentos estéticos até a usar roupas e estilos de cabelos que são referência da

cultura negra. A grande questão com essas práticas é perceber mais uma vez que seja a beleza, a cultura ou o “style” do negro, tudo isso só é reconhecido e valorizado quando um branco assimila aquilo para si.

Uma classe social (pobre) e uma cultura (afro) que sempre foram excluídas, hoje em dia rendem dinheiro para grandes marcas e personalidades. O “blackface”, o “blackfishing” flertam com a apropriação cultural e essas práticas acabam tirando a essência da cultura afro e de todo o esforço que os negros vêm fazendo ao longo dos anos para serem vistos, ouvidos e valorizados por eles mesmos.

Em contrapartida ao “blackface” e “blackfishing” que esvaziam a essência da cultura da afro, temos empresas que têm buscado dentro do mercado valorizar a cultura do negro. Um grande exemplo disso no Brasil é a Avon, que tem buscado alinhar a cultura da empresa à cultura negra também.

E de que forma a Avon tem feito isso? Buscando entender o que de fato é necessário para a pele negra dentro do mundo dos cosméticos, lançando linhas exclusivas de maquiagens e

produtos de beleza para a população negra. A Avon criou toda uma agenda interna baseada na valorização da beleza do negro, e foi além: a empresa desenvolveu um compromisso antirracista dentro da instituição.

A Avon é um grande exemplo de valorização e resgate da cultura afro-brasileiro dentro do mercado porque é uma empresa que não focou apenas em vender produtos para esse público, ela criou uma relação com o público e com a cultura afro. Os produtos da Avon buscam alcançar todos os tons de pele dos negros, ela entendeu que não existe um produto único para todas as variedades de pele dos negros, isso demonstra conhecimento, preocupação e valorização.

*“Os cosméticos para negros, por exemplo, cresceram 26% no primeiro semestre do ano, enquanto os convencionais tiveram uma expansão entre 6% e 11%, no mesmo período. Algumas empresas, como O Boticário, lançaram maquiagens específicas para negras.”*¹³

Seguindo esse caminho, a P&G anunciou, recentemente, a compra da fabricante de produtos para peles negras Walker & Co. Cada vez mais,

empresas do ramo cosmético tem se atentado as necessidades da população negra com relação a pele e cabelo.

No panorama geral, podemos perceber que a cultura afro-brasileira e tudo que está ligada a ela tem recebido bastante atenção nos últimos anos; tem ganhado destaque na mídia e dentro das empresas. A pauta da diversidade foi assimilada com veemência dentro do mercado, o que tem estimulado a valorização da cultura afro que sempre foi renegada e vista com maus olhos.

Este olhar traz luz para a população negra e sua tão rica cultura, cheia de detalhes que precisam ser valorizados; porém, sob a ótica correta. Não se pode banalizar a cultura de uma população praticando ações “blackface” e “blackfishing”; é preciso encarar essa abordagem de forma consciente, e que as ações busquem de fato valorizar a cultura afro-brasileira, incorporando a questão não apenas em seus produtos, mas também nas diretrizes institucionais da empresa.







Alex Candido



Alice Silva



Amanda Bortolini



Amanda Sousa



Ana Livia Lopes



André Galiano



Cassio Damacena



Helena Junqueira



Helio Gastaldi



Juliana Siegmann



Larissa Pereira



Lisia Silva



Luciana Obniski



Luis Abimerhy



Marcio Aguiar



Marcos Calliari



Matheus Santos



Miriam Steinbaum



Paula Soria



Pedro Santos



Priscilla Branco



Ronaldo Picciarelli



Sofia Ribeiro



Thiago Ramos



Vinicius Perez